Sociedade das Ciências Antigas

A MÚSICA MAÇÔNICA DE WOLFGANG AMADEUS MOZART



MOZART, WOLFGANG AMADEUS (1756 - 1791)

MOZART, O GRANDE ARQUITETO DA MÚSICA

A história nos aponta inúmeras personalidades que pertenceram à Maçonaria. A lista dos músicos maçons é extensa e nela vamos encontrar os nomes de Mozart, Haydn, Beethoven, Gounod, Sibelius, Gerschwin, Duke Ellington, Count Basie, Irving Berlim e Louis Armstrong. Mozart nunca seguiu com extrema disciplina o sentido de vida, as metas morais e os conceitos éticos dos maçons, mas sempre levou a sério seu dever de irmão compositor. Escreveu muitas músicas dedicadas à Maçonaria e que são conhecidas em alemão como *Die Freimaurermusik*. Estas obras raramente são comentadas e divulgadas na extensa bibliografia e discografia mozartiana.

O compositor iniciou-se a convite do Barão Otto von Gemmingen-Hornberg. Mozart tinha-se encontrado com Gemmingen em Mannheim. Seu nome foi proposto à Loja em 5 de dezembro de 1784, e ele recebeu o grau de aprendiz em 14 de dezembro. Em 7 de janeiro de 1785, recebeu o grau de companheiro na Loja Verdadeira Harmonia (Zur wahren Eintracht) numa cerimônia presidida pelo Grão Mestre Ignaz von Born. Em 22 de abril, recebeu o grau de mestre maçom. Mas, pelo simbolismo esotérico na obra maçônica de Mozart, nota-se que a associação de Mozart com a livre-Maçonaria era anterior à sua petição à fraternidade. Na idade de 11 anos, Mozart musicou o poema maçônico *An die Freude*. Com 16 anos, compôs uma ária nas para o hino ritual *Oh heiliges Band*. E aos 17 anos, foi escolhido por Gebler para compor a música incidental para o drama maçônico *Tamos, rei do Egito* (que foi revisada em 1779).

Leopold Mozart, pai de Wolfgang, teve seu pedido de admissão anunciado na Loja de Wolfgang em 28 de março de 1785. Como Leopold estava a ponto de sair da cidade, uma permissão para agir mais rapidamente do que o normal foi procurada e obtida. Em 6 de abril, foi iniciado como aprendiz. Em 16 de abril, Leopold passou ao grau de companheiro, com Wolfgang comparecendo à cerimônia. Em 22 de abril, Leopold tornou-se um mestre maçom. Dois dias mais tarde, pai e filho estiveram na Loja “Zur gerkronten Hoffnung” para uma homenagem ao mestre da Loja, Ignaz Born. Wolfgang compôs uma nova cantata para a ocasião (K. 471). No dia seguinte ao concerto, Leopold partiu para Salzburg. Seu filho nunca mais tornaria a vê-lo

A Maçonaria teve muito prestígio em Viena até o final do século XVIII. Quando Klemenz Metternich chegou ao poder, as atividades dos maçons foram proibidas. O alemão de Koblenz, que se tornou Ministro das Relações exteriores da Áustria e dominou a política européia de 1814 a 1848, não tolerava sociedades dedicadas à fraternidade. A Maçonaria só voltou a ser praticada livremente em território austríaco, a partir do final da 1ª Guerra Mundial.

As obras maçônicas de Mozart são ricas e variadas tendo sido compostas para atos solenes, para acompanhar os ritos, ou até para momentos de entretenimento como concertos beneficentes abertos ao público.

A música maçônica de Mozart revela um lado não muito conhecido do compositor – o de seu profundo sentido de humanidade. Ligando-se a uma Loja vienense, Mozart encontrou em seus companheiros maçônicos toda uma solidariedade que jamais encontrara junto à aristocracia e mesmo junto ao público aficionado. Movido pelo profundo sentimento de Irmandade, dedicou à congregação cantatas com textos que falam em igualdade entre seres humanos, seres livres de jugos impostos por determinadas religiões e formas de estruturas sociais.

Mozart, como muitos católicos de seu tempo, não encontrava incongruências entre a Maçonaria e a igreja. Para Mozart, ambos sistemas eram duas esferas concêntricas, reconhecendo na Maçonaria a busca da pureza moral e sua luta para o bem-estar da humanidade, assim como sua familiaridade com a morte; no catolicismo reconheceu a busca do aperfeiçoamento espiritual, o perdão dos pecados, e a consolidação da redenção na vida apos a morte. Mozart entendia que ambas instituições eram compatíveis, basta dizer que simultaneamente compôs a ópera "A Flauta Mágica ", obra repleta de símbolos do ritual maçônico, e o seu "Réquiem".

Peças como "*Gesellenreise – Die Ihr Einem Neum Grade*" – K. 468, (As viagens do Companheiro), com adaptação de um texto de Franz Joseph Von Ratschky, que explora o simbolismo do Segundo Grau, as 5 viagens e a revelação da estrela Flamígera; o dueto "*Lasst uns mit geschlungen Händen*" K. 429 (Entrelacemos nossas mãos) e a melodia "*O Heiliges Band der Freundschaft*" K. 148 (Ó Sagrada Cadeia da Amizade), ambas preparadas para o encerramento dos trabalhos em Cadeia de União; a cantata para tenor "*Dir Seele des Weltalls*" (A Você, Ó Sol, Alma do Universo), um hino em glória ao Sol e à Luz, destinada às comemorações do Solstício do Dia de São João Batista, 24 de junho, e também para ser usada ao final da Cerimônia de Iniciação ao Grau de Aprendiz, no momento em que é dada a Luz ao Neófito; e o belíssimo "*Maurerische Trauermusik*" K. 477 (Funeral Maçônico ou Marcha Fúnebre), de inigualável inspiração, escrita em memória de dois Irmãos de suas relações, são apenas alguns exemplos. Há de se observar que quando Mozart compôs a "Marcha Fúnebre" K. 477, não o fez como um compositor contratado, mas como um Irmão para outro Irmão. Sua afeição à Maçonaria fez com que suas faculdades reluzissem; os Rituais Maçônicos o inspiraram para a composição de grande parte de sua música mais comovente, música de elevados fins que nos levam a um enriquecimento moral, e que não somente agrada por sua beleza, mas também por seus profundos e nobres valores.

A influência da Maçonaria na vida e na obra de Mozart ainda pode ser sentida em três de suas óperas: "*Le Mariage de Figaro*" (As Bodas de Fígaro), que tem como tema a Igualdade; "*Il Disoluto Punito, Ossia Il Don Giovanni*" (Don Giovanni), que tem como tema a Liberdade; e "*Die Zauberflöte*" (A Flauta Mágica), que tem como tema a Fraternidade.

Sabe-se que no último ano de vida de Mozart, em 1791, a situação da Maçonaria na Áustria não era das melhores. W. A. Mozart foi contatado por diversos irmãos para produzir obra que divulgasse as virtudes da Ordem maçônica. Já em 1785, Mozart tinha composto *As bodas de Fígaro*, ópera de contornos igualitários, e foi-lhe proposto que fizesse uma ópera séria para a coroação de Leopoldo II, em Praga. Por sugestão de alguns irmãos desta cidade, Wolfgang musicou a obra de Metastasio

intitulada *A Clemência de Tito* em que se retrata um Imperador imbuído de valores de tolerância, poupando os seus inimigos, em alusão ao desejo de ver Leopoldo tolerar a existência da Maçonaria.

Nesse ano derradeiro de 1791, Mozart encontrava-se em plena produtividade. A última obra que apresentou em público foi *A Flauta Mágica*, que ele próprio conduziu. Esta ópera foi composta a partir do libretto de Schikaneder, que era simultaneamente ator e diretor de um teatro em Viena (*Auf der Wieden*). Schikaneder, maçom, propôs a Mozart esta ópera, escrita a partir de um texto de Wieland (*Lulu e a flauta mágica*), a partir do qual foi possível explorar a simbologia maçônica e deixar uma mensagem para todos que pudessem compreendê-la.

O REPERTÓRIO MAÇÔNICO DE MOZART

Além das obras abaixo, existem referências de obras desaparecidas. De acordo com os registros da Loja, Mozart escreve a música para duas canções adicionais durante 1785, *Des Todes Werk* (O trabalho da morte) e *Vollbracht ist die Arbeit der Meister* (A Obra dos Mestres está concluída) que foram perdidas.

Lied: *An die Freude*, K.53 (sobre um texto maçônico).

Salmo 129: *De profundis clamavi*, para coro misto e orquestra. K.93 (composta em Salzburgo em 1771 e mais tarde adaptada à fraternidade por ele mesmo).

Lied: *O heiliges Band der Freudschaft*, para tenor e piano K.148 (composta em 1772 e adotada pela Maçonaria).

Graduale ad Festum B.M.V.: Sancta Maria, mater Dei para coro misto e orquestra K.273 (composta em 1777, imediatamente adicionado ao cânon musical da Loja).

Música incidental: *Thamos Konig in Agypten*, K.345 (os temas eram profundamente maçônicos, considerada precursora da Flauta Mágica).

Adágio canônico para 2 clarinetes tenores e fagote, K.410 (composta em 1784, para um ritual processional).

Adágio para 2 clarinetes e 3 clarinetes tenores, K.411 (provavelmente destinado a uma entrada processional à Loja).

Cantata: *Dir, Seele des Weltalls* K.429 (composta para uma celebração pública maçônica).

Cantata: *Die ihr einem neuen Grade*, K.468 (composta para a elevação de Grau de seu pai como Companheiro de Loja).

Cantata*: Die Maurerfreude "Sehen wie dem starren Forscherauge",* K.471 (composta em abril de 1785, em homenagem a Ignaz von Born, Grão Mestre de Loja).

Maurerische Trauermusik (Música Fúnebre Maçônica) K.477 (escrita para os serviços de recordação e celebração da morte dos irmãos maçons Duque George August de Mecklenburg-Strelitz e Conde Franz Veith Edler von Galantha em novembro de 1785, e interpretada na Loja de Tristezas).

Concerto para piano em Mi bemol Maior, nº 22, K.482 (escrito e tocado em um concerto dado pela Loja "Pela beneficência" em 15 de dezembro de 1785).

Canção: *Zerfliesset heut' geliebte Bruder*, K.483 (escrito para dar as boas-vindas a Lojas recém formadas).

Canção: *Ihr unsre neuen Leiter* K.484 (escrito para receber o Grão Mestre da Loja).

Sinfonia nº 39 em mi bemol maior, K.543 (escrita para celebração do Ofício e da Alegria de viver).

Adágio e Fuga em Dó Menor, K.546 (não escrita originalmente para o cânon maçônico, mas rapidamente adotada pelas Lojas).

Adágio e Rondó para Flauta, Oboé, Viola, Cello, e Celesta, K.617 (escrita enquanto Mozart estava trabalhando na Flauta Mágica e interpretada em momentos de recreação na Loja).

Motete: *Ave Verum Corpus*, K.618 (originalmente escrito para o coro da escola de Anton Stoll em Baden, a obra foi adotada rapidamente para seu uso em Loja).

Cantata: *Die ihr des unermesslichen Weltalls Schopfer ehrt*, K.619 (durante o último ano de Mozart, fazendo uma pausa durante a composição da Flauta Mágica, La Clemenza di Tito e o Réquiem, compôs esta peça por requerimento de sua Loja).

Cantata: *Kleine Freimaurerkantate*, (pequena cantata maçônica) K.623 (escrita e dedicada a sua Loja "Pela beneficência").

Coro: *Lasst uns mit geschlungen Handen*, K.623a (escrito como parte do mesmo serviço de dedicação).

Ópera: *Die Zauberflote* (A Flauta Mágica) K.620

LIED "À ALEGRIA", K. 53

Composto por Johann Peter Uz, foi talvez a primeira musicalização de Mozart para um texto maçônico. Composto no outono de 1768, quando Mozart contava apenas com 11 anos, foi enviado como um presente ao Dr. Joseph Wolf, que o havia curado da varíola.

Freude, Königin der Weisen,
Die, mit Blumen um ihr Haupt,
Dich auf güld'ner Leier preisen,
Ruhig, wenn die Torheit schnaubt:
Höre mich von deinem Throne,
Kind der Weisheit, deren Hand
Immer selbst in deine Krone
Ihre schönste Rosen band

Rosen, die mit frischen Blättern,
Trotz des Nords, unsterblich blüh'n,
Trotz des Südwinds, unter Wettern,
Wenn die Wolken Flammen sprüh'n:
Die dein lockicht Haar durchschlingen,
Nicht nur an Cytherens Brust,
Wenn die Grazien dir singen,
Oder bei Lyäens Lust.

Sie bekränzen dich in Zeiten,
Die kein Sonnenblick erhellt,

Alegria, rainha dos sábios,
Que, com a fronte ornada de flores,
É celebrada com a lira dourada,
E silencia, quando a insensatez se eleva.
Ouvi-me desde teu trono,
Filha da sabedoria, cujas mãos
Sempre enfeitam a tua coroa
Com as suas rosas mais belas.

Rosas que, com renovadas folhagens,
Florescem perenes, apesar dos ventos
Do Norte e do Sul, entre as tempestades,
Quando as nuvens cintilam suas flamas.
Rosas que envolvem teus cabelos cacheados,
Não apenas sobre o seio de Cítera,
Quando as Graças cantam a ti,
Ou nos prazeres de Dionísio.

Elas te coroaram nos tempos
Em que nenhum raio de sol brilhava.

Sahen dich das Glück bestreiten,
Den Tyrannen uns'rer Welt,
Der um seine Riesenglieder
Donnerndes Gewölke zog,
Und mit schrecklichem Gefieder
Zwischen Erd' und Himmel flog.

Viram-te a fortuna tocar,
Tirana de nosso mundo,
Cujos membros gigantes
Envolvia-os em nuvens trovejantes,
E com plumas terríveis,
Voava sobre o Céu e a Terra.

Dich und deine Rosen sahen
Auch die Gegenden der Nacht
Sich des Todes Throne nahen,
Wo der kalte Schrecken wacht.
Deinen Pfad, wo du gegangen,
Zeichnete das sanfte Licht
Cynthiens mit vollen Wangen,
Die durch schwarze Schatten bricht.

Também as regiões da Noite
Tinham visto a ti e a tuas rosas
Aproximarem-se do trono da morte
Onde observa o gélido terror.
À senda que percorreste, foi
Marcada com a suave luz
De Cíntia, com suas coradas faces,
Que irrompe da sombra obscura.

Dir war dieser Herr des Lebens,
War der Tod nicht fürchterlich,
Und er schwenkete vergebens
Seinen Wurfspieß wider dich:
Weil im traurigen Gefilde
Hoffnung dir zur Seite ging
Und mit diamant'nen Schilde
Über deinem Haupte ging.

A morte, a senhora da vida,
Não era para ti espantosa,
E inutilmente brandia
Contra ti a sua lança,
Pois no triste lugar
A esperança estava a teu lado
E um escudo de diamantes
Sobre tua fronte reluzia.

Hab' ich meine kühnen Saiten
Dein lautschallend' Lob gelehrt,
Das vielleicht in späten Zeiten
Ungeborne Nachwelt hört;
Hab' ich den beblümten Pfaden,
Wo du wandelst, nachgespürt
Und von stürmischen Gestaden
Einige zu dir geführt:

Se, sob as cordas audazes de minha lira,
Cantei os teus sonantes louvores,
Que talvez em tempos longínquos
Ouvirão gerações ainda não-nascidas.
Se busquei os caminhos floridos
Onde tu caminhavas,
A das terras tempestuosas
Alguém, a ti, pelo menos, levei.

Göttin, o so sei, ich flehe,
Deinem Dichter immer hold,
Daß er schimmernd' Glück verschmähe,
Reich in sich, auch ohne Gold;
Daß sein Leben zwar verborgen,
Aber ohne Sklaverei,
Ohne Flecken, ohne Sorgen,
Weisen Freunden teuer sei!

Deusa, eu te imploro, que tu sejas
Sempre benigna ao teu poeta,
Que lhe desdenhe a fortuna cintilante,
Rico em si, conquanto sem ouro;
Que a sua vida seja verdadeiramente oculta,
Mas sem a escravidão,
Sem máculas, sem queixas,
Mas cara aos sábios amigos!

SALMO 129 "DE PROFUNDIS CLAMAVI", K. 93

A musicalização deste salmo de penitência compreende uma declamação simples a quatro vozes com acompanhamento de órgão. Mozart compôs esta obra durante o verão de 1771 em Salzburgo, à idade de 15 anos. Albert Einstein, musicólogo, considera que esta é uma das peças mais belas da juventude de Mozart, e talvez seja a mais bela, já que das obras de Mozart é uma das mais simples. Einstein a compara com a musicalização do mesmo texto por Gluck, uma das últimas obras do mestre, com um imponente, mas opaco acompanhamento orquestral, no entanto este não chega à altura do jovem Mozart posto que a grande arte consiste em expressar aquilo de mais profundo com os meios mais simples.

De profundis clamavi ad te Domine.
Domine exaudi vocem meam fiant aures tuae intendentes in vocem deprecationis meae.Si iniquitates observabis Domine Domine quis sustinebit. Quia apud te propitiatio est propter legem tuam sustinui te Domine sustinuit anima mea in verbum eius.
Speravit anima mea in Domino a custodia matutina usque ad noctem speret Israhel in Domino quia apud Dominum misericordia et copiosa apud eum redemptio et ipse redimet Israhel ex omnibus iniquitatibus eius.

Das profundezas clamo a ti, Senhor:
Senhor, escuta minha voz, estejam atentos teus ouvidos à voz de minha súplica!
Se levares em conta, Senhor, as iniqüidades, Senhor, quem poderá subsistir? Mas contigo está o perdão, pelo que és reverenciado.
Espero pelo Senhor, espero com toda a minha alma e aguardo tua palavra.
Minha alma espera pelo Senhor, mais que as sentinelas pela aurora, sim, mais que as sentinelas pela aurora. Espere, Israel, pelo Senhor, pois no Senhor há misericórdia, e junto dele, copiosa redenção. Ele redimirá Israel por todas as suas iniqüidades.



LIED "Ó SAGRADO VÍNCULO DA AMIZADE", K. 148

A composição deste Lied em estrofes e ritmo de valsa provém do ano de 1772, quando Mozart ainda residia em Salzburgo e tinha apenas 16 anos. O texto é de Ludwig Lenz e foi escrito antes que Mozart fosse iniciado. No manuscrito original se lê: Canto de louvor solene para a Loja de São João. Esta peça não deveria ser incluída em sua obra musical maçônica, mas, no entanto, o texto começa com as palavras *Ó vínculo sagrado de amizade entre meus fiéis Irmãos*, termos que se relacionam exatamente com os ideais maçônicos. Por este motivo se inclui esta obra no compêndio maçônico de Mozart. Originalmente foi escrita para soprano e piano.

O heiliges Band der Freundschaft treuer Brüder,
dem höchsten Glück und Edens Wonne gleich,
dem Glauben freund, doch nimmermehr zuwider,
der Welt bekannt und doch geheimnisreich.

Ó sagrado vínculo de amizade entre fiéis irmãos,
fortuna suprema comparável às delícias do Éden,
companheira da fé mas nunca adverso
ao mundo manifesto e ainda pleno de mistério.

Auf, Maurer! singt; laßt heut den Erdkreis hören,
es sei der Tag, dem dieses Lied geweiht,
ein herrlicher, ein großer Tag der Ehren,
ein hohes Fest der Treu' und Einigkeit.

Vamos, maçons! Cantem! Façam ouvir o mundo
que chegado é o dia em que celebra aquele canto,
um esplêndido e glorioso dia de louvor,
uma solene festa de fidelidade e união.

Sie macht uns groß; sie bringt uns hoch zu Ehren,
daß unser Preis vom Nord- zum Südpol blüht,
und Phöbus' Aug' auf beiden Hemisphären
nichts Herrlicher's als unsre Logen sieht.

A virtude eleva-nos; torna-nos plenos de honra,
a nossa fama floresce do pólo norte ao pólo sul,
e em ambos hemisférios, os olhos de Febo não
vêem algo mais glorioso, só em nossas Lojas.

Ist's Eitelkeit? sagt, oder ist es gründlich,
das stille Glück, dem sich die Maurer weih'n?
Kann ein Gesetz, das töricht oder sündlich,
so fest besteh'n, von solcher Dauer sein?

É vaidade? dizei, ou é, em verdade,
felicidade serena que congrega os maçons?
Poderia um preceito absurdo ou pecaminoso
manter-se tão firme e ser tão duradouro?

Nein! Denn ist's wahr, daß Gott selbst in uns allen
den edlen Trieb, sich zu gesellen, nährt,
so muß gewiß ihm ein Gesetz gefallen,
das Freundschaft heißt und Menschen lieben lehrt.

Não! Pois se é certo que Deus mesmo desperta
em todos nós o nobre instinto de reunirmos,
é bem certo que Ele há de aprovar uma lei
que cria a Amizade e ensina os homens a Amar.

GRADUALE AD FESTUM B.M.V: SANCTA MARIA MATER DEI, K. 273

Pouco antes que Mozart saísse de Salzburgo no outono de 1777, empreendendo uma longa viagem que o levaria até Manheim, Paris e outras cidades, compôs esta obra gradual à Virgem Maria. Foi escrita para coro a quatro vozes, instrumentos de corda e órgão; ela é uma peça de grande simplicidade, séria e profundamente bela e foi imediatamente adotada pela Ordem. O fato de que a Maçonaria tenha incluído este hino em seu cânon musical é uma prova do espírito ecumênico da Ordem, muitos anos antes que ela fosse reconhecida pela Corte.

Sancta Maria, mater Dei,
ego omnia tibi debeo,
sed ab hac hora singulariter
me tuis servitiis devoveo, te patronam,
te sospitatricem eligo.
Tuus honor et cultus aeternum
mihi cordi fuerit,
quem ego numquam deseram
neque ab aliis mihi subditis
verbo factoque violari patiar.
Sancta Maria,
tu pia me pedibus tuis
advolutum recipe,
in vita protege,
in mortis discrimine defende.
Amen.

Santa Maria, mãe de Deus,
Em tudo te sou devoto,
Mas deste momento em particular,
Consagro-me ao teu serviço, elejo-te minha
protetora e salvadora.
Os teus louvores e o teu culto eternamente
estarão presentes em meu coração.
Nunca os abandonarei,
nem permitirei que sejam violados
com palavras ou com ações alheias à minha
vontade. Santa Maria,
acolhe-me com tua Santa piedade;
prostrado a teus pés,
protege-me em vida,
socorre-me no momento supremo da morte.
Amém.

THAMOS, REI DO EGITO K.345

Em 1773 Mozart aceitou o pedido do maçom F.A. Mesmer (cientista conhecido pelos seus trabalhos sobre o magnetismo animal) para musicar um texto do também maçom Tobias Philipp von Gebler. Era uma peça de teatro, com tema profundamente maçônico. A obra denominava-se *Thamos, Rei do Egito*, cuja ação decorre na época em que lendariamente se atribui a fundação da Maçonaria. A egiptologia estava nessa altura intimamente ligada à Maçonaria, como o surgimento do Rito Egípcio de Cagliostro demonstra. Mozart retomou a história do amor contrariado de Thamos e Tharsis sob outros olhos, vendo-o como um símbolo do homem diante da divindade. Contudo, por mais apaixonado que estivesse com a idéia de transformá-lo em ópera, compromissos

diversos não lhe permitiram executar o projeto. Entretanto, em sua última ópera, *A Flauta Mágica*, Mozart retoma essa história, o que torna *Thamos, Rei do Egito* precursora dessa ópera.

ADÁGIO CANÔNICO PARA DOIS CLARINETES TENORES E FAGOTE, K. 410

Alfred Einstein diz que esta obra foi escrita em Viena em 1783, mas também pode ter sido composta depois de sua Iniciação Maçônica em 1784. Igualmente ao Adágio que lhe segue, provavelmente esta obra formou parte do Ritual Maçônico; possui 27 compassos e é uma peça de beleza única. Também se pode afirmar, possivelmente, que foi composta para entrada ritualística do Venerável em Loja.

Adágio para dois clarinetes e três clarinetes tenores, K. 411

Este Adágio, semelhante à obra anterior, acredita-se que foi composto como música de fundo para o Cerimonial de entrada dos Irmãos ao Templo; aqui se reconhecem claramente os três toques maçônicos. Tudo parece indicar que Mozart não poderia ter composto uma obra tal, antes de haver sido iniciado na Maçonaria. Segundo Greither, um estudioso da obra de Mozart, esta composição aparece imersa em uma atmosfera de comovente transfiguração.

CANTATA "A TI, Ó SOL, ALMA DO UNIVERSO", K. 429

Mozart compôs esta Cantata provavelmente por causa de una Sessão Branca, e inclusive pode ter sido utilizada para uma celebração pública maçônica Acredita-se que procede do ano 1783, no entanto, o manuscrito existente (que não é da mão de Mozart) está incompleto. Foi escrita para dois tenores, um baixo e coro a quatro vozes, com acompanhamento de Orquestra de Câmara. Da presença de vozes femininas no coro se evidencia que esta obra fosse destinada ao público e não para a liturgia de Loja. Foi composta em honra de Ignaz Born, o qual surge como a figura principal da Maçonaria vienense no fim do século XVIII.

Chor:	*Coro:*
Dir, Seele des Weltalls, o Sonne,	A Ti, ó Sol, alma do Universo,!
sei heut' das erste	Hoje é dedicado a Ti o primeiro
der festlichen Lieder geweiht!	canto solene!
O Mächtige! ohne dich lebten wir nicht;	Oh potestade, sem Ti nós não viveríamos;
von dir nur kommt Fruchtbarkeit, Wärme	de Ti provém apenas fecundidade, calor e
und Licht!	luz!
O Sonne! o Mächtige!	Oh sol! Oh potestade!
O Seele des Weltalls,...	Oh alma do Universo,...
Arie; Tenor:	*Ária: Tenor:*
Dir danken wir die Freude,	Nós te somos gratos pela alegria
daß wir im Frühlingskleide	de, no teu manto primaveril,
die Erde wieder seh'n;	vermos novamente a terra;
daß laue Zephiretten	porque os tépidos ventos
aus süßen Blumenketten	de doces guirlandas floridas possuem
uns Duft entgegenweh'n.	o perfume que dão a todos os teus tesouros;
Dir danken wir,	Damos graças a Ti
daß alle Schätze spendet	Porque tanto fascínio difunde
und jeden Reiz verschwendet	e cada apelo com desvelo realiza,
die gütige Natur,	a generosa Mãe Natureza,
daß alle Lust erwachet	pois desperta cada estímulo,
und alles hüpft und lachet	e tudo salta, festeja e ri

auf segenvoller Flur. no campo opulento.

CANTATA VIAGEM DO COMPANHEIRO "A VÓS, EM VOSSO NOVO GRAU" K. 468

Os três graus que se concediam na Loja à qual pertencia Mozart eram: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Este simples Lied é a musicalização dirigida aos irmãos que recebiam seu segundo grau. O manuscrito leva a data de 26 de março de 1785, ou seja, alguns dias antes do ingresso de Leopold, o pai de Mozart, na Loja. Na verdade, provou-se que a obra foi composta precisamente para a cerimônia de admissão de Leopold Mozart ao segundo Grau.

A peça é para solista, com acompanhamento de órgão ou piano. Nela encontramos alguns símbolos musicais utilizados por Mozart que possuem um simbolismo maçônico saliente: além da tonalidade mi bemol, símbolo da serenidade iniciática, encontramos vários pares de notas ligadas, símbolo da fraternidade.

Die ihr einem neuen Grade
Der Erkenntnis nun euch naht,
Wandert fest auf eurem Pfade,
Wißt, es ist der Weisheit Pfad.
Nur der unverdroßne Mann
Mag dem Quell des Licht sich nahn.
Nehmt, o Pilger, zum Geleite
Eurer Brüder Segen mit!
Vorsicht sei euch stets zur Seite;
Wißgier leite euren Schritt!
Prüft und werdet nie dem Wahn
Träger Blindheit untertan!
Rauh ist zwar des Lebens Reise,
Aber süß ist auch der Preis,
Der des Wand'rers harrt, der weise
Seine Fahrt zu nützen weiß.
Glücklich, wer einst sagen kann:
Es ist Licht auf meiner Bahn!

O Vós, que ora estais ingressando
em um novo grau de consciência,
caminhai firmes sobre vossa senda,
é a trilha, sabei, da sabedoria.
Somente o homem infatigável
pode se aproximar à fonte de Luz.
Recebei, peregrinos, a vossa acolhida
e a bênção dos vossos irmãos!
A prudência esteja sempre ao vosso lado;
o anseio de conhecer guie os vossos passos!
Usai o vosso juízo e não sejais, nunca mais,
vítimas da cegueira dos defeitos!
Duro é o caminho da vida,
mas doce é verdadeiramente o prêmio
que aguarda o caminhante que, sabiamente,
sabe desfrutar de sua viagem.
Feliz daquele que um dia poderá dizer:
Há Luz sobre o meu caminho!



Leopold Mozart, pai de Wolfgang

CANTATA "AS ALEGRIAS MAÇÔNICAS" K. 471

Esta cantata foi composta em abril de 1785 em honra de Ignaz Born, o Grão Mestre da Lola "A verdadeira harmonia". O texto é de Franz Petran, e foi escrita para tenor, coro masculino e orquestra de câmara, instrumentada por um clarinete, dois oboés, duas trompas e instrumentos de

corda. O tema inicial do concerto nº 4 para trompa e orquestra em mi maior apresenta certa semelhança com o tema principal desta cantata. A tonalidade mi maior o demonstra; Einstein descreve esta tonalidade como: simultaneamente heróica e simplesmente humana. Mi maior é uma forma musical que encontramos freqüentemente nas composições mozartianas. Esta forma desempenha um papel importante na ópera "*A Flauta Mágica*".

Arie
Sehen, wie dem starren Forscherauge
die Natur ihr Antlitz nach und nach enthüllet;
wie sie ihm mit hoher Weisheit
voll den Sinn und voll das Herz mit Tugend füllet:
das ist Maureraugenweide,
wahre, heiße Maurerfreude.

Aria
Vede, como sob o olhar atento do observador,
a natureza sua face gradualmente revela;
Como com uma alta sabedoria
plenamente a mente e o coração de virtudes preenche:
este é um banquete para os olhos do maçom,
esta é a verdadeira e ardente alegria do maçom.

Rezitativ
Sehen, wie die Weisheit und die Tugend,
an den Maurer ihren Jünger
hold sich wenden, sprechen:
Nimm, Geliebter, diese Kron'
aus unsers ält'sten Sohns,
aus Josephs Händen.
Das ist das Jubelfest der Maurer,
das der Triumph der Maurer.

Recitativo
Vede com a sabedoria e a virtude,
aos quais os maçons dedicam com amor
os seus estudos, dizem:
"Recebei, caríssimos, esta coroa,
das mãos do nosso filho mais idoso,
das mãos de José",
este é o jubileu dos maçons,
o triunfo dos maçons.

Arie mit Chor
Drum singet und jauchzet, ihr Brüder!
Laßt bis in die innersten Hallen
des Tempels den Jubel der Lieder,
laßt bis an die Wolken ihn schallen!
Singt, Lorbeer hat Joseph,
der Weise, zusammengebunden,
mit Lorbeer die Schläfe
dem Weisen der Maurer umwunden.

Ária com coro
Por isso cantemos e rejubilemos, irmãos!
Fazei ressoar até o mais recôndito
do templo o júbilo dos cânticos,
até as mais altas nuvens!
Cantai, os verdes louros
adornam o sábio José.
Com louros a fronte
envolve do sábio maçom.

MARCHA FÚNEBRE MAÇÔNICA, K. 477

Esta é uma das mais belas elegias musicais que já foram escritas; este largo adágio de 69 movimentos foi composto em novembro de 1785, quando Mozart contava 29 anos, por motivo da Cerimônia Fúnebre pela morte do Duque George August of Mecklenburg-Strelitz e do Conde Franz Veith Edler von Galantha. Foi concebida para uma pequena orquestra de três trompas, contrafagote, dois oboés, clarinete e instrumentos de corda. A entonação dos registros mais baixos nos instrumentos de sopro produz um som pesado e obscuro, que representa um lamento. A obra começa com alguns acordes pesados em dó menor; após a terceira parte da obra entoam os oboés e os clarinetes, logo são apoiados pelo restante dos instrumentos de sopro, segue-se, então, um canto coral melancólico; o Cantus Firmus faz as vezes de marcha lenta; finalmente regressa o tema central levando-nos ao epílogo musical da obra; No entanto, os acordes finais reluzem por estarem colocados em tonalidade maior. Esta é uma obra na qual se encontram unidas a música sacra e a profana. Segundo Paumgartner, a rígida estrutura formal, a escolha melódica acurada, o trato dos instrumentos e o singular soar da marcha solene em torno da melodia gregoriana conferem a esta obra um senso de antiga grandeza e lhe assegura um posto especialíssimo na produção de Mozart.

CANÇÃO "CELEBRAI, HOJE, CARÍSSIMOS IRMÃOS" K. 483

CANÇÃO "VÓS, NOSSOS NOVOS GUIAS" K. 484

Estas duas canções foram compostas para vozes masculinas e piano, acopladas a um texto de Augustin Veith, Cavalheiro von Schittlersberg, em dezembro de 1785. A primeira canção leva como subtítulo "Para o Ceremonial de abertura de Loja"; e a segunda "Para o Ceremonial de fechamento de Loja". A primeira canção expressa uma saudação de boas-vindas à então recém formada Loja "A Nova Esperança Coroada"; a segunda melodia dá boas-vindas ao recém eleito Grão Mestre da Grande Loja deste Grande Oriente.

Em dezembro de 1785 foi emitido pelo imperador José II um decreto que reduzia de oito para três as Lojas operantes em Viena. Mozart era afiliado à pequena Loja "Zur Wohltatigkeit", a qual foi incorporada à "Gekronte Hoffnung" e rebatizada como "Neue Gekronte Hoffnung" (A nova esperança coroada). Para a abertura desta nova Loja, Mozart compôs esta obra com referimento à ordem do Imperador José II.

Tenor
Zerfließet heut' geliebte Brüder,
in Wonn' und Jubellieder,
Josephs Wohltätigkeit hat uns,
in deren Brust ein dreifach Feuer brennt,
hat unsre Hoffnung neu gekrönt.

Chor
Vereineter Herzen und Zungen
sei Joseph dies Loblied gesungen,
dem Vater, der enger uns band.
Wohltun ist die schönste der Pflichten;
er sah sie uns feurig verrichten
und krönt' uns mit liebvoller Hand.

Tenor
Dank auch der Schar, die eh uns wachte,
der Tugend Flamm' entfachte
und uns zum Beispiel war,
aus deren jedem Tritt
auf ihrem Maurergang
ein Quell des Bruderwohls entsprang.

Chor
Das innigste, tätigste Streben,
zu ihnen empor sich zu heben,
ist allen der herzlichste Dank.
Drum laßt uns, verdreifacht die Kräfte,
beginnen die hohen Geschäfte
und schweigen den frohen Gesang.

Tenor
Celebrai, hoje, caríssimos irmãos
em profundo júbilo,
a beneficência que José teve conosco, em cujo
peito arde uma tríplice chama, coroando
novamente nossa esperança.

Coro
Com os corações e palavras unidos, seja
entoado este canto de louvor a José, ao pai que
nos uniu mais intensamente.
Fazer o bem é o mais belo dos deveres, ele nos
via cumpri-lo com ardor e nos coroa com suas
mãos benévolas.

Tenor
Gratos somos aos que estiveram conosco,
reluzindo a chama da virtude
e que eram um exemplo para nós,
dos quais cada passo,
sobre a senda da Maçonaria
nascia de uma fonte do bem fraternal.

Coro
A mais profunda e ativa aspiração
de nos elevar até onde vos encontrais
é a mais sincera gratidão.
Portanto, triplicando as forças
reiniciemos nossos trabalhos
e silenciemos o alegre cântico.

"VÓS, NOSSOS NOVOS GUIAS" K. 484

Tenor
Ihr unsre neue Leiter,
nun danken wir auch eurer Treue;
führt stets am Tugendpfad uns weiter,

Tenor
Vós, nossos novos guias,
damo-vos graças pela vossa fidelidade;
Conduzi-nos sempre avante sobre a senda

daß jeder sich der Kette freue,
die ihn an beß're Menschen schließt
und ihm des Lebens Kelch versüßt.

da virtude a fim de que cada homem
desfrute da cadeia que une os melhores
homens e adoça o cálice da vida.

Chor
Beim heiligen Eide geloben auch wir,
am großen Gebäude zu bauen wie ihr.

Coro
No sagrado juramento que empenhamos
todos nós, de construir o edifício como vós.

Tenor
Hebt auf der Wahrheit Schwingen
Uns höher zu der Weisheit Throne,
daß wir ihr Heiligtum erringen
und würdig werden ihrer Krone,
wenn ihr wohltätig für den Neid
Profaner selbst durch uns verscheut.

Tenor
Elevai-nos sobre as asas da liberdade
mais próximos do trono da sabedoria,
para alcançar o vosso santuário e nos
tornarmos merecedores de vossa Coroa,
se a vossa benevolência tolher a inveja do
profano contra nossa força.

Chor
Beim heiligen Eide geloben auch wir,
am großen Gebäude zu bauen wie ihr.

Coro
No sagrado juramento que empenhamos
todos nós, de construir o edifício como vós.

ADÁGIO E FUGA EM DÓ MENOR, K. 546

Esta dramática obra, que no sentido estrito da palavra não pertence ao Cânon Maçônico musical, já que foi composta para outros fins, mostra o efeito que produziu em Mozart o estudo do contraponto de J. S. Bach, e inclusive faz uso dos meios retóricos musicais de Ludwing van Beethoven. Pouco tempo depois que Mozart chegou a Viena em 1782, conheceu o Barão van Swieten, cuja ampla biblioteca musical tinha obras de J. S. Bach e de Georg Friedrich Handel. Mozart havia sido educado na escola clássica italo-austríaca, cujos mais reconhecidos representantes foram J. S. Fux e o Padre Martini, e até os seus 26 anos de idade não teve a oportunidade de se por em contato com os grandes mestres saxões. Ao conhecer o estilo de Bach e Handel, Mozart não pode continuar sendo um compositor Rococó, ao estilo de Johann Christian Bach, o ídolo de sua juventude. Entre as obras que Mozart compôs sob a influência do Barroco tardio do norte alemão, encontra-se uma fuga em dó menor para dois pianos. Em 26 de junho de 1788, quando precisamente estava compondo suas três últimas sinfonias, Mozart encontrou tempo necessário para transferir esta fuga para cordas - pois estava escrita para um quarteto de cordas, ou para uma pequena orquestra de cordas reforçada por um contrabaixo -, incluindo na obra uma introdução ao Adágio com uma distribuição orquestral similar. É uma obra extremamente dramática, repleta de tensões. É una obra que indubitavelmente foi acolhida com grande agrado na Maçonaria.

ADAGIO E RONDO PARA OBOÉ, VIOLA, CELLO E CELESTA, K. 617

Em maio de 1791 chegou a Viena uma jovem cega chamada Mariannne Kirchgebner (1770-1809) para interpretar seu talento musical em uma Harmônica de Cristal. Os melancólicos e líquidos sons produzidos por estas taças de cristal (pois os tons eram regulados através da quantidade de água contida nas taças), chamaram a atenção tanto de Willibald Gluck, como de Mozart. Mozart ficou tão impressionado com a habilidade artística desta jovem, que até interrompeu seu trabalho de composição da ópera “A Flauta Mágica” para escrever um Adágio e Rondó em mi maior, obra que foi concebida especialmente para ser interpretada neste instrumento tão especial. A maioria das obras escritas para este aparelho musical foi legada ao esquecimento, no entanto a obra de Mozart tem um valor tão especial que em pleno século XX se tornou usual incluir a celesta em um quinteto, já que o som deste instrumento, a celesta, se assemelha com o daquele raro instrumento denominado Harmônica de Cristal. A Ordem adotou este adágio para ser interpretado em momentos de recreação na Loja.

MOTETO: AVE VERUM CORPUS, K. 618

O moteto (ou motete) é um gênero de música sacra vocal polifônica, geralmente sem acompanhamento instrumental, e com textos em latim. ("moteto" deriva do francês *mot*, "palavra"). Ocupou lugar central na liturgia da Igreja Católica. Às vezes duas vozes superiores tinham textos diferentes. A princípio foram usados textos latinos, na maior parte dizendo respeito à Virgem, mas os textos seculares franceses tornaram-se comuns à medida que o moteto foi distanciando-se da igreja e da liturgia.

Mozart compôs este moteto em junho de 1791 para a Escola Coral de seu amigo Anton Stoll, em Baden (Áustria). Nesta obra foi utilizado o idioma litúrgico. Assim como em *De profundis* K. 93, alcança Mozart um magnífico efeito através dos meios mais simples. A distribuição orquestral é: coro a quatro vozes, instrumentos de corda, e órgão; a denominação - *sotto voce* - é ideal para as cerimônias sacras. Esta obra é um excelente exemplo para modulação e direção coral; conclui com uma delicada modulação polifônica, certificando sua grandeza. Assim como na Marcha Fúnebre Maçônica K. 477, também nesta obra se uniram elementos religiosos e pessoais.

É de uma certa semelhança com a atmosfera espiritual do Réquiem, e também com algumas das últimas obras maçônicas desse mesmo período. De resto, por mais que pareça estranho, a religiosidade de muitas composições sacras está, em Mozart, afim à religiosidade de certas músicas escritas para sua Loja Maçônica

O texto do moteto é uma das mais belas páginas da poesia religiosa medieval: o *Ave verum corpus natum*, composto - ao que parece - por anônimo do século XIV. Além da tão suave melodia gregoriana tradicional, recebeu composições de Mozart, Schubert, Gounod e de muitos outros. É uma poesia breve, de apenas oito versos, mas de alta densidade teológica, celebrando os mistérios da Encarnação do Verbo, Paixão e Eucaristia.

No texto, saudamos o corpo do eterno Verbo e aquela que, como Mãe, aceitou doar o seu corpo ao Verbo eterno. Este corpo é o sacramento da redenção do homem e do mundo: "*Vere passum, immolatum / in cruce pro homine*" (sofreste verdadeiramente, imolado / sob a Cruz para a salvação da humanidade).

Este corpo martirizado até à morte pela cruz, unido ao sangue derramado como símbolo da boa e eterna aliança, tornou-se o sacramento mais importante da Igreja. De fato, este corpo é o próprio pão, assim como o sangue é de fato a bebida da nossa alma, que são simbolizados pelo pão e o vinho. Restaura as forças interiores do homem e o fortifica no caminho à estrada da eternidade. Sobre a terra, permite ao homem pressentir essa união com Deus na verdade e no amor.

Assim, a piedade que se desprende do *Ave verum corpus* é incontestável. É uma obra de maturidade assentada no mais profundo de Mozart, uma plenitude de sentimentos conscientes, uma profunda emoção pela evocação do Cristo morto por amor à humanidade. E sem dúvida, é importante recordar que esta obra prima, escrita seis meses antes de sua morte, é uma obra de beleza singular, e cuja linha melódica revela a pureza de uma alma.

Ave verum Corpus natum	A Ti saúdo, verdadeiro Corpo nascido
De Maria Virgine:	da Virgem Maria:
Vere passum, immolatum	Tu que sofreste verdadeiramente, imolado
In cruce pro homine.	sob a Cruz para a salvação da humanidade.
Cujus latus perforatum	Do Teu lado perfurado
Fluxit aqua et sanguine:	fluía água e sangue:
Esto nobis praegustatum	Seja-nos a fonte de consolação

In mortis examine. em nossa última hora.

CANTATA: Ó VÓS, QUE VENERAIS O CRIADOR DO UNIVERSO, K. 619

Durante o verão de 1791, o último antes de sua morte, Mozart trabalhava na criação das obras "A Flauta Mágica", "La Clemencia de Tito" e o "Réquiem". Nesse período, Mozart compôs esta pequena e graciosa cantata para uma só voz e piano; a obra se compõe de uma curta introdução, um recitativo e cinco temas curtos para vocal solo. A obra é precisa e concisa, e somente conta com 170 movimentos; Entretanto, esta composição exigiu muito tempo e trabalho, elementos que Mozart dificilmente dispunha. Apesar disso, contudo, quando se tratava de cumprir com suas obrigações frente à Maçonaria, sempre encontrava tempo e disposição suficientes para fazê-lo.

Esta pequena cantata é uma composição comissionada a Mozart pelo maçom Franz H. Ziegenhangen, que compõe o seu texto e a qual servia como cantata de abertura na Loja de Regensburg. É uma composição breve que adota o léxico maçônico mozartiano sem uma precisa originalidade. A partitura original, autógrafa, de Mozart encontra-se hoje na Suécia, e é de propriedade daquela Grande Loja; é datada de julho de 1791.

Recitative:
Die ihr des unermeßlichen Weltalls
Schöpfer ehrt,
Jehova nennt ihn, oder Gott,
nennt Fu ihn, oder Brahma,
Hört! hört Worte aus der Posaune
des Allherrschers!
Laut tönt durch Erden, Monde, Sonnen
ihr ewger Schall,
Hört Menschen, hört, Menschen, sie auch ihr!

Andante
Liebt mich in meinen Werken,
Liebt Ordnung, Ebenmaß und Einklang!
Liebt euch, liebt euch, euch selbst und eure
Brüder,
Liebt euch selbst und eure Brüder!
Körperkraft und Schönheit sei eure Zier,
Verstandeshelle euer Adel!
Reicht euch der ewgen Freundschaft
Bruderhand,
Die nur ein Wahn, nie Wahrheit euch so lang
entzog!

Allegro
Zerbrechet dieses Wahnes Bande,
Zerreißet dieses Vorurteiles Schleier,
Enthüllt euch vom Gewand,
Das Menschheit in Sektiererei verkleidet!
Zu Sicheln schmiedet um das Eisen,
Das Menschen-, das Bruderblut bisher vergoß!
Zersprenget Felsen mit dem schwarzen Staube,
Der mordend Blei ins Bruderherz oft schnellte!

Andante

Recitativo:
Ó vós, que reverenciais o incomensurável
Criador do Universo,
Seja chamado Jehova, ou Deus,
Seja denominado Fu, ou Brahma,
Ouvi! Ouvi a palavra da trombeta do
Onipotente!
Que soa fortemente pela Terra, Lua e Sol,
Por toda a eternidade,
Escutai, homens, ouvi toda a humanidade!

Andante:
Amai-me através de minha criação,
Amai a Ordem, a Igualdade e a Harmonia!
Amai-vos, amai-vos uns aos outros, e aos
vossos irmãos,
Amai-vos uns aos outros e aos vossos irmãos!
Que a força e a Beleza sejam vosso estandarte,
Que a clareza e a razão sejam vossa Nobreza!
Estendei-vos a mão fraterna da eterna
amizade, da qual somente uma ilusão, e nunca
a Verdade, poderia separar de vós, desde
outrora.

Allegro:
Rompei com os laços desta ilusão,
Rasgai o véu deste preconceito,
Livrai-vos dos hábitos
Que prendem a humanidade no sectarismo!
Forjai ferramentas com esse ferro que tantas
vezes derramou o sangue dos amigos irmãos !
Despedaçai as rochas com o negro pó que há
muito traz o chumbo letal ao coração fraterno!

Andante:

Wähnt nicht, daß wahres Unglück sei auf meiner Erde!
Belehrung ist es nur, die wohltut,
Wenn sie euch zu bessern Taten spornt,
Die Menschen, ihr in Unglück wandelt,
Wenn töricht blind ihr rückwärts in den Stachel schlagt,
Der vorwärts, vorwärts euch antreiben sollte.
Seid weise nur, seid kraftvoll und seid Brüder!
Dann ruht auf euch mein ganzes Wohlgefallen,
Dann netzen Freudenzähren nur die Wangen,
Dann werden eure Klagen Jubeltöne,
Dann schaffet ihr zu Edens Tälern Wüsten,
Dann lachet alles euch in der Natur,

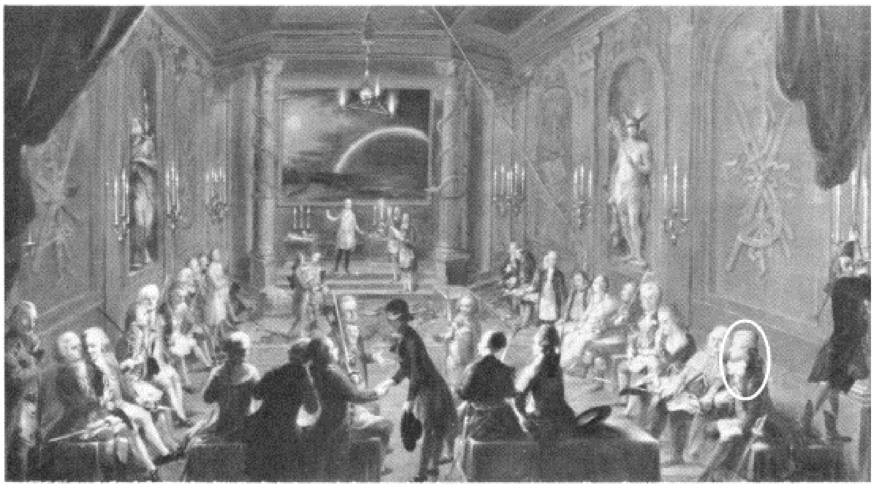
Allegro
Dann ist's erreicht, des
Lebens wahres Glück!

Não pensais que sobre a minha terra existe a infelicidade e o infortúnio!
Os ensinamentos fazem o bem, apenas, para que possais melhor agir.
Se, homens que caminhais na desventura,
Em vossa loucura desejais retroceder no vosso caminho,
Ele está lá apenas para conduzir-vos avante.
Sede sábios, fortes e sede Irmãos!
Assim repousará sobre vós toda minha benevolência. Assim lágrimas de alegria inundarão vossas faces, todos os lamentos se tornarão cantos de júbilo, os desertos serão vales do Éden, e tudo na natureza vos sorrirá.

Allegro:
Então estará conquistada a verdadeira felicidade da vida!

UMA PEQUENA CANTATA MAÇÔNICA: "EM ALTA VOZ ANUNCIA NOSSA ALEGRIA", K. 623:

Este manuscrito tem como data de finalização o dia 15 de novembro de 1791; ou seja, restavam a Mozart apenas três semanas de vida. O mês de setembro não foi muito brilhante. Tinha trazido consigo a estréia não muito aplaudida da ópera "*A Flauta Mágica*", assim como a estréia de "*La Clemencia de Tito*", que não teve nenhum sucesso. O esplêndido concerto de clarinete em lá maior, K. 622, foi concluído em princípios de outubro. Enquanto isso, Mozart continuava trabalhando na composição do seu Réquiem. Mais uma vez, Mozart tratou de repor as suas já debilitadas forças para criar uma obra mais para seu compêndio maçônico-musical. Esta cantata foi um projeto um pouco mais exigente que os anteriores. O texto foi escrito por Emannuel Schikaneder, Irmão de sua Loja, e libretista-diretor de sua ópera "A Flauta Mágica". Como era de se esperar, o texto era bastante complicado. A composição exigia um coro, dois tenores, um baixo, e uma Orquestra de Câmara com flautas, dois oboés, dois clarinetes e instrumentos de corda. Mozart escreveu um movimento coral à maneira de introdução, um recitativo e uma ária para tenor, seguido por um recitativo e um dueto para o segundo tenor e o baixo, assim como um coro final. Mozart a dirigiu a estréia pessoalmente em sua Loja: foi a sua última aparição pública. O espírito de despedida exala por estas páginas. É o canto do último Mozart: da Flauta Mágica, do Réquiem, do Ave Verum.



Quadro a óleo anônimo, do Museu Histórico de Viena, representando Mozart (à direita) em sua Loja

Chor; mit Soli:
Laut verkünde unsre Freude
froher Instrumentenschall,
jedes Bruders Herz empfinde
dieser Mauern Widerhall.

Denn wir weihen diese Stätte
durch die goldne Bruderkette
und den echten Herzverein
heut' zu unserm Tempel ein.

Rezitativ; Tenor II:
Zum ersten Mal, edle Brüder,
schließt uns dieser neue Sitz
der Weisheit und der Tugend ein.
Wir weihen diesen Ort
zum Heiligtum unserer Arbeit,
die uns das große
Geheimnis entziffern soll.
Süß ist die Empfindung des Maurers
an so einem festlichen Tage,
der die Bruderkette neu und enger schließt;
süß der Gedanke, daß nun die Menschheit
wieder einen Platz unter Menschen gewann;
süß die Erinnerung an die Stätte,
wo jedes Bruderherz
ihm, was er war, und was er ist,
und was er werden kann,
so ganz bestimmt, wo Beispiel ihn belehrt,
wo echte Bruderliebe seiner pflegt
und wo aller Tugenden heiligste, erste,
aller Tugenden Königin, Wohltätigkeit
in stillem Glanze thront.

Arie; Tenor II:
Dieser Gottheit Allmacht ruhet
nicht auf Lärmen, Pracht und Saus,
nein, im Stillen wiegt und spendet
sie der Menschheit Segen aus.

Stille Gottheit, deinem Bilde
huldigt ganz des Maurers Brust.
Denn du wärmst mit Sonnenmilde
stets sein Herz in süßer Lust.

Rezitativ; Tenor I, Baß:
Wohlan, ihr Brüder, überlaßt euch ganz
der Seligkeit eurer Empfindungen,
da ihr nie, daß ihr Maurer seid, vergeßt.
Diese heut'ge Feier sei ein Denkmal
des wieder neu und festgeschloss'nen Bunds.
Verbannet sei auf immer Neid,
Habsucht und Verleumdung aus unsrer

Coro, com solistas:
Em alta voz anuncia nossa alegria
O alegre soar dos instrumentos.
O coração de cada Irmão sente
O eco destes muros.

Portanto, consagremos este lugar,
Pela cadeia de ouro da fraternidade,
E com verdadeira humildade de coração,
Hoje, o nosso Templo.

Recitativo, Tenor II:
Pela primeira vez, nobres Irmãos,
Acolhe-nos esta nova sede
Da Sabedoria e da Virtude.
Nós consagramos este lugar
Como santuário da nossa Obra,
Onde se deve decifrar
O grande Mistério.
Doce é o sentimento do maçom
Em um dia festivo como este
Que estreita e renova a aliança da fraternidade;
Doce é o pensamento que a humanidade
Encontrou um lugar entre os Homens;
Doce é a lembrança do lugar
Onde o coração de cada Irmão
Decide o que ele era, o eu é
E o que ele será,
Onde o exemplo o instrui,
Onde o verdadeiro amor fraterno o ampara
E onde a virtude mais sacra, a primeira
De todas, a Beneficência,
Reina no esplendor silencioso.

Ária, Tenor II:
Esta divindade onipotente não paira
Sobre o rumor, esplendor ou perturbação,
Não, mas no silêncio repousa e
Doa as bênçãos à humanidade.

Silenciosa divindade, o teu exemplo
Dignifica inteiramente a alma do maçom.
Porque tu aqueces com sol brando
Sempre o seu coração em um doce prazer.

Recitativo, Tenor I, Baixo:
Avante, Irmãos, deixai-vos completamente
Caminhar na beatitude dos vossos sentimentos,
Por isso jamais vos esquecei de que sois maçons.
Esta cerimônia de hoje seja um monumento
Dos novos e estreitos laços fraternais.
Expulsas sejam para sempre a Inveja,

Maurerbrust.
Und Eintracht knüpfe fest das teuere Band,
das reine Bruderliebe webte.

Duett, Tenor I, Baß:
Lange sollen diese Mauern
Zeuge unsrer Arbeit sein,
und damit sie ewig daure,
weiht sie heute Eintracht ein.

Laßt uns teilen jede Bürde
mit der Liebe Vollgewicht,
dann empfangen wir mit Würde
hier aus Osten wahres Licht.

Diesen Vorteil zu erlangen,
fanget froh die Arbeit an.
Und auch der schon angefangen,
fange heute wieder an.

Haben wir an diesem Orte
unser Herz und unsre Worte
an die Tugend ganz gewöhnt,
o dann ist der Neid gestillet,
und der Wunsch so ganz erfüllet,
welcher unsre Hoffnung krönt.

Chor; mit Soli:
Laut verkünde unsere Freude ...

A Avareza e a Calúnia do mais íntimo da nossa
alma de maçom.
E que a concórdia fortaleça o profundo laço
Que tece o puro amor.

Dueto, Tenor I, Baixo:
Por muito tempo estes muros serão
Testemunhas da nossa Obra,
E para que dure eternamente
É inaugurado em concórdia.

Compartilhemos cada tarefa
Com o máximo amor,
Assim receberemos dignamente
Aqui, do Oriente a verdadeira Luz.

Para lograr tamanho resultado,
Iniciai com alegria o trabalho.
E aqueles que já o iniciaram,
Reiniciem-no, novamente, hoje.

Assim, habitam neste local
O nosso coração e nossas palavras
Dirigidas completamente à virtude,
Por isso a Inveja é aplacada,
E satisfeito de todos
É o desejo que coroa a nossa esperança.

Coro, com solistas:
Em alta voz anuncia nossa alegria ...

APÉNDICE: DEIXAI QUE NOSSAS MÃOS FORMEM UNA CADEIA, K. 623 A

Esta obra apêndice musical foi feita para ser interpretada ao final da Seção, escrita para coro masculino. Esta composição é um apêndice da K. 623 e não aparece no manuscrito autógrafo de Mozart. Está presente, contudo, na primeira edição publicada pela Loja no princípio de 1792. Tem pouco sentido discutir os valores técnicos desta música. Mozart a escreveu praticamente em seu leito de morte. Esta obra foi inspirada por uma ética que provinha do mais profundo de seu ser.

O texto, também escrito por Emannuel Schikaneder, trata do encerramento dos trabalhos da Loja Maçônica. A formação da Cadeia de União no encerramento dos trabalhos com as mãos entrelaçadas em forma de círculo, cumpre um Cerimonial do Ritual e estabelece entre os planos físico e espiritual uma conexão poderosa. Simbolicamente, a Cadeia de União representa o Universo formado por homens unidos numa grande corrente fraternal. Não só a terra como todo o Cosmos, obedecendo às leis naturais, movem-se harmonicamente em círculo. É formada no Centro do Templo, composta de elos humanos exatamente iguais, representando os espíritos maçônicos unidos pela solidariedade de idéias e pela comunhão de sentimentos e aspirações. Não existe um elo maior que outro. Sendo formada em círculo, cria-se um campo interno, e neste, um ponto central. É aí que se forma um estado de consciência pelas forças emanadas dos que compõem a Cadeia. Essa força concentrada é distribuída segundo o objetivo da Cadeia.

Assim, todo ritual e cerimonial serve tanto aos homens como aos diversos planos, já que estabelece entre eles um canal de forças. Os rituais e cerimoniais são úteis para colocarem os planos superiores

em contato com o nosso plano físico. Por mais simples que sejam, despertam vibrações no plano físico, repercutindo nos mundos superiores, atraindo a atenção dos planos invisíveis elevados, os quais canalizam e projetam vibrações como resposta, derramando forças espirituais em nosso meio. Desempenham papeis muito importantes na criação e manutenção de vibrações nos planos superiores, formando o que chamamos Egrégora.

Laßt uns mit geschlung'nen Händen
Brüder, diese Arbeit enden
unter frohem Jubelschall.
Es umschlinge diese Kette,
so wie diese heil'ge Stätte,
auch den ganzen Erdenball.
Laßt uns unter frohem Singen
vollen Dank dem Schöpfer bringen,
dessen Allmacht uns erfreut.
Seh, die Weihe ist vollendet;
wär' doch auch das Werk geendet,
welches uns're Herze weiht!
Tugend tut die Menschen ehren;
sich und andern Liebe lehren
sei nun stets die erste Pflicht.
Dann strömt Licht allein in Osten,
dann strömt Licht allein in Westen,
auch in Süd und Norden Licht.

Deixai que nossas mãos formem uma
Cadeia, Irmãos, e encerremos nossos
trabalhos, com a alma plena de júbilo.
Esta Cadeia abrange e circunda
Não somente este sacro lugar,
Mas também todo o globo terrestre.
Com nosso alegre canto oferecemos
Plena gratidão ao Criador
Cuja onipotência nos traz a alegria.
Vede, a solenidade é completa;
Oh, fosse também concluída a obra
À qual são consagrados nossos corações!
A Virtude presta homenagem aos homens;
Ensinar a si e aos outros o amor
Seja, ora e sempre, nosso dever.
Então brilhará a Luz no Oriente,
Então brilhará a Luz no Ocidente,
E também ao Sul e ao Norte.

SINFONIAS 39, 40 E 41

As três últimas sinfonias de Mozart - nº 39, 40 e 41 - constituem um milagre sobre o qual se debruçam, até hoje, entendidos ou simples amantes da música.

Cerca de um mês após a estréia de Don Giovanni em Viena, durante o verão de 1788, Mozart encerrou-se para compor o que para a maioria dos estudiosos classifica de “tríptico sinfônico”, constituído pelas sinfonias nº 39 em mi bemol maior K. 543, de 26 de junho; nº 40 em sol menor K. 550, de 25 de julho; e nº 41 em dó maior K. 551, de 10 de agosto de 1788. Elaboradas no curto período de seis semanas, não se sabe de nenhuma encomenda que o tivesse forçado a trabalhar com tal pressa e parece que jamais foram tocadas em sua vida (A confirmar-se a suposição, a ironia do destino esmerou-se em moldar-lhe os passos: o que de melhor produziu no gênero sinfônico não lhe teria chegado aos ouvidos a não ser por meio das ondas sonoras da própria imaginação). Ainda mais espantoso, entretanto, há de ser o fato de que as três, como três Graças divinas, possuem personalidade totalmente definida; cada uma delas, um acontecimento na história da música.

As duas mais famosas são, naturalmente, a nº 40, em sol menor, com a sua energia impetuosa, e a nº 41 - “Júpiter” -, que é a própria perfeição da forma clássica, além de estar repleta de inspiração. Se a nº 39, em mi bemol, é menos famosa, não significa que seja menos notável. Pelo contrário, ela leva o pensamento sinfônico de Mozart a uma espécie de realização completa. Aqui, não há mais hesitações, nem o compositor precisa apelar para climas extraordinários: desde o primeiro movimento, Adágio/Allegro, é como se estivéssemos no centro da mais fascinante conversa musical, onde os temas se sucedem sem criarem oposições excessivas; onde a cor orquestral é levada a extremos de sofisticação - uma cor levemente outoniça, como se Mozart soubesse que tinha entrado na etapa final do seu desenvolvimento sinfônico. Depois do “Andante con moto”, o Minueto é robusto, abrindo espaço para um Finale repleto de verve.

Embora não se saiba, como indica Alfred Einstein, se as três composições formam um ciclo, Saint-Foix chega a afirmar, com insistência, que Mozart pretendeu fazer uma "trindade" e fundamenta-se não só no breve período de criação, mas também numa espécie de "sucessão orgânica" : assim, a sinfonia nº 39 consiste, a seu ver, em um imenso pórtico, desde o qual o autor vai revelar a sua poética; a de nº 40 - cujo primeiro monimento se popularizou - expressa uma luta de paixão, passando da suave confidência inicial à solidão e à resignação (Robert Schumann, que nutria por Mozart verdadeira adoração, batizou-a de "Apolo", por ver nela a radiação do sol e de um classicismo grego); e a nº 41, também chamada Júpiter, é a equilibrada e majestosa apoteose do gênio. "Nada surgira tão importante e tão antes da aurora do dia 10/8/1788", exclama Saint-Foix, entusiasmado. "Com uma eloqüência, uma força e uma graça soberanas, o mestre toma na mão, aos 32 anos, todos os elementos dos quais seus mais gloriosos predecessores se utilizam e nos mostra o que a música fez até ele e o que fará cerca de cem anos mais tarde".

Hocqmard também declara "Em sua última sinfonia, Mozart leva o gênero orquestral puro ao mesmo ponto de perfeição a que conduzira o concerto e a ópera". Particularmente apaixonado pelos segundo e quarto movimentos, analiza-os nos seguintes termos: "O andante (fá maior) reúne, por sua profundidade, os mais belos movimentos lentos dos concertos. Ultrapassa-os mesmo, talvez, por uma qualidade que surpreende no gênero sinfônico: a concisão; a economia dos meios é extrema e a inteligibilidade é perfeita. Sozinho, esse andante resume, por seus três temas, a presente trilogia sinfônica: o doce envolvimento da mi bemol, a dor pungente da sol menor, a fímbria luminosa, enfim, da própria Júpiter. No final, que é o testamento sinfônico do mestre, realiza-se a síntese magnífica de todas as linguagens recapituladas por ele nos meses precedentes".

ÓPERA "A FLAUTA MÁGICA"

Estreada em Viena, em 30 de setembro de 1791, a ópera "A Flauta Mágica", embora não faça referência expressa à Maçonaria, é uma elaborada alegoria do Ritual Maçônico. Composta por Mozart no último ano de sua vida, com libreto escrito pelo também Maçom Emanuel Schikaneder, alcançou amplo sucesso nos anos que se seguiram.

O próprio Johann Wolfgang Goethe, Maçom devotado, afirmou que, por sua beleza, "o grande público encontrará deleite ao assistir o espetáculo, enquanto que, ao mesmo tempo, seu alto significado não escapará aos Iniciados".

O primeiro libreto original de "A Flauta Mágica" foi executado por Ignaz Alberti, um membro da Loja Maçônica de Mozart *Zur gekrönten Hoffnung*. Os leitores se depararam com uma página de rosto gravada pelo próprio Ignaz. Para os não-iniciados, esta folha de papel poderia parecer uma reprodução de uma escavação arqueológica no Egito: à esquerda, a base de uma pirâmide com alguns símbolos (inclusive uma Íbis); no meio, uma série de arcos conduzindo a uma parede com nichos e um portal redondo, tudo isto inundado de luz. Do arco do meio vê-se pendurada uma corrente com uma estrela de cinco pontas. À direita, um elaborado vaso rococó com estranhas figuras agachadas na base; no primeiro plano, uma colher de pedreiro, um par de compassos, uma ampulheta e fragmentos em ruínas.

Porém, alguns membros da platéia sabiam que aqueles símbolos referiam-se a uma série completa de inequívocas alusões à Antiga e Venerável Ordem Maçônica. Especialmente quando se lê no libreto da ópera, na última página, as seguintes palavras (parágrafo final do último movimento da ópera):

Heil sey euch Geweithen! Ihr drängt durch die Nacht!
Dank sey dir, Osiris und Isis, gebracht!
Es siegte die Stärke, und krönet zum
Lohn Die Schönheit und Weisheit mit ewiger Kron.

"Salve sagradas criaturas que se impõem através da noite! / Agradecimentos a vós, Osíris e Ísis, sejam apresentados! / A força venceu, e como recompensa / Apresenta a eterna coroa à beleza e à sabedoria."



Página do libreto original de "A Flauta Mágica"

No Ritual Maçônico de São João, quase no final da reunião na Loja, estas mesmas palavras (Mozart as teria ouvido na versão alemã) eram proferidas: "*Weisheit... Schönheit... Stärke*" (Sabedoria... Beleza... Força), formando também o triângulo central do trigésimo terceiro Grau do chamado Rito Escocês Antigo e Aceito – que poderia então ser considerado um paralelo ou uma extensão da cerimônia de São João.

Sentindo-se desconfortavelmente preparados para algo um tanto relacionado com o Ritual Maçônico, diversos Irmãos naquela platéia de 1791 teriam ficado ainda mais chocados quando, no meio da Abertura da ópera, ouviram, após uma pausa na música, em continuação a um tempo muito lento (Adagio) acordes em três-vezes-três, caracterizando claramente ritmos de baterias maçônicas.

E esta bateria, em acordes de três-vezes-três, é repetida diversas vezes ao longo do tema de "A Flauta Mágica". Segundo Philippe A. Autexier, que editou um livro sobre Mozart e "A Flauta Mágica", nas Lojas vienenses do Século XVIII, o Ritual empregado nessa época de Mozart continha ritmos característicos para cada Grau:

Um toque longo, um curto e outro longo, para o Aprendiz. Um toque curto e dois longos, para o Companheiro. E dois toques curtos e um longo para o Mestre. Portanto, os repetitivos acordes três-vezes-três se referiam ao Companheiro ou Segundo Grau. À medida que a ópera se desenrolava, os Maçons da platéia deveriam ter ficado estupefatos: um símbolo atrás do outro advinha da Confraria.



O número simbólico três domina toda a obra: três bemóis na clave principal (Mi bemol maior), três meninos, três senhoras.

O príncipe Tamino, personagem principal, é apresentado inicialmente como um "profano" e em seguida como um neófito. De observar sua conversa com o Orador, I ato, Cena 15: o Orador lhe pergunta: "*Wo willst du kühner Fremdling, hin? Was suchst du hier im Heiligthum?*" (Onde queres ir, intrépido estrangeiro? Que procuras neste lugar sacro?).

Depois, Tamino aparece com um jovem Maçom com o Grau de Aprendiz (com sua cerimônia de viagem e voto de silêncio) e mais tarde, no Segundo Grau, como Companheiro (com o voto de jejum). Por fim, como Terceiro Grau, Mestre (II Ato, Cena 21).

A passagem simbólica da escuridão para a luz – tema central da ópera – parte integrante da cerimônia de São João, ocorre com um brilhante efeito em "A Flauta Mágica", sendo claramente indicada na ilustração do libreto de 1791.

Porém Mozart e Schikaneder pretendiam mostrar mais do que a Maçonaria de São João, pois representaram também os ditos Altos Graus (os Graus Escoceses). Na cena 28 do II Ato a cortina se abre, mostrando dois homens vestidos com armaduras negras e em seguida Tamino e Pamina. É o início das famosas provas de fogo e água, que nos conduzem a um outro mundo maçônico: o soberano Grau de Cavaleiro da Rosa-Cruz, o décimo oitavo do Rito Escocês Antigo e Aceito. O libreto original de 1791 observa discretamente que os homens armados lêem para Tamino a escrita transparente que está gravada numa pirâmide. Ao som das palavras "fogo, água, ar e terra" o tetragrama sagrado JHVH talvez aparecesse por ser a parte central deste Grau.

A 30ª cena no II Ato, onde Monostatos, o criado africano, junto com a Rainha da Noite e seu cortejo, tentam invadir e destruir o Templo de Sarastro é também um simbolismo do 30º Grau do Rito Escocês, o "Grau da Vingança", enquanto que o final da ópera, II Ato, Cena 33, quando a escuridão (a Rainha da Noite) foi vencida e a Luz (Sarastro, Tamino/Pamina, Papageno/Papagena) triunfa é representado pelo Grau final – o 33º do Rito Escocês — no triângulo cujo significado é "sabedoria, beleza e força" (Weisheit, Schönheit, Stärke), como no libreto. O lema do 33º Grau é "Ordo ab Chao" (ordem advinda do caos) ou da escuridão para a Luz.

Afora todo este simbolismo numerológico, deve-se acrescentar que a introdução orquestral desta cena contém dezoito grupos de notas.

Sarastro, o Sumo Sacerdote (ou seja, Venerável Mestre da Loja) aparece pela primeira vez no I Ato, na cena 18. No começo do II Ato, Sarastro e seus sacerdotes entram: em cena estão (como o libreto de 1791 faz questão de especificar) precisamente dezoito sacerdotes e dezoito cadeiras e a primeira

parte do coro que eles cantam, “O Isis und Osiris”, tem a duração de dezoito compassos. Quando Papageno interroga a monstruosa velha, que se tornará Papagena, quantos anos tem, ela responde: Dezoito (provocando sempre hilariedade na platéia). E quando os três meninos aparecem suspensos no palco em uma máquina (o libreto de 1791 enfatiza) ela está “coberta de rosas”.

Além dessas referências ao 18º Grau Escocês (Rosa-Cruz), devemos lembrar que dezoito é formado por seis vezes três, e três na verdade é o número simbólico crucial e básico da ópera.

Enquanto o Rito Escocês era, para alguns, na época uma organização de elite, o Ritual mais comum, de São João, seria o mais familiar para os Maçons vienenses que assistiram à primeira representação de A Flauta Mágica.

Num livreto publicado em Londres em 1725 intitulado “O Grande Mistério da Maçonaria Revelado” lemos o seguinte trecho do Exame ao entrar na Loja:

P. Quantas Jóias preciosas?
R. Três; um prato quadrado, um Diamante e um Quadrado.
P. Quantas luzes?
R. Três; uma Leste à direita, Sul e Oeste.
P. O que representam?
R. As Três Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo.
P. Quantos degraus pertencem a um verdadeiro Maçom?
R. Três.
P. Quantos Pontos particulares pertencem a um verdadeiro Maçom?
R. Três: Fraternidade, Fidelidade e Seriedade,
P. O que representam?
R. Amor Fraternal, Lenitivo e Verdade entre todos os verdadeiros Maçons; para o qual todos os Maçons foram ordenados no Edifício da Torre de Babel e no Templo de Jerusalém.

Portanto, ao terminarem de ouvir “A Flauta Mágica” os Maçons presentes na platéia se deram conta de ter escutado a primeira ópera maçônica. É evidente que o Ritual propriamente dito não era apresentado em cena, mas havia suficientes indícios, exibidos de forma oblíqua e fortemente ilustrados pelos números, para não deixar dúvidas sobre seu conteúdo maçônico. A ópera estreou dois meses antes da morte de Mozart. Nas últimas semanas de vida, Mozart informava-se constantemente das representações da sua ópera. Pedia o relógio e seguia mentalmente a apresentação. Poucas horas antes de sua morte, disse a Constança, sua esposa: “Desejaria tanto ouvir pela última vez minha ópera!” E pôs-se com esforço a cantar a ária de Papageno (o caçador de pássaros).

Alguém presente sentou-se ao piano e executou a música. Reanimado pela recordação, pediu a partitura do “Réquiem” e os amigos se ofereceram para cantar algumas páginas – “Não lhes dizia que esse Réquiem seria meu canto de morte?” – teria afirmado Mozart, na ocasião. Ouviu alguns instantes mais... Depois, quando vozes amigas começaram a “*Lacrimosa*”, sua cabeça inclinou-se, vieram as lágrimas e ele deixou cair a partitura que conservava nas mãos...

Mozart faleceu à uma hora da manhã, do dia 5 de dezembro de 1791 (curiosamente, exatos 7 anos após seu pedido de ingresso na Ordem, em 5 de dezembro de 1784). Os maçons celebraram uma Loja de Tristezas em sua memória, e a oração proferida na ocasião foi impressa por Ignaz Alberti, membro da Loja de Mozart, o mesmo que publicou o primeiro libreto da Flauta Mágica.

Infelizmente, Mozart não viveu para acompanhar o estrondoso sucesso alcançado por sua última ópera, para muitos a mais bela já escrita – muito embora tenha afirmado, em 7 ou 8 de outubro de 1791: “Aquilo que me faz mais feliz é a aprovação silenciosa!”



REFERÊNCIAS

GRAVAÇÕES

A "*Freimaurermusik*", pode ser encontrada em *Mozart, the complete Masonic Musik* (2 CDs) - Regência de Peter Maag e Coro e Orquestra da Wiener Volksoper (gravadora Vox –5055), e *The Freemason Music* – regência de Martin Haselbock e a Wiener Akademie (gravadora Novalis).

SITES NA INTERNET

- http://www.livrariamaconica.com.br/CDs/CDs.htm
- http://users.libero.it/fjit.bvg/mozmusma.html
- http://www.conspiracyarchive.com/Archive/Mozart_Music.htm
- http://amadeus.altervista.org/testi.html
- http://www.mastermason.com/fenix/tr/ap/ap008.htm
- http://www.geocities.com/crdpldl21/
- http://www.recmusic.org/lieder/m/mozart.html
- http://www.capmozart16.hpg.ig.com.br/Historiawam.html
- http://www.geocities.com/Tokyo/Club/3826/temarionuevo.html
- http://www.dogstar.dantimax.dk/magflute/mfmain.htm
- http://www.masonmusic.org/mozart.html

LIVROS

- Chailley, Jacques. *The Magic Flute: Masonic Opera.* Translated by Herbert Weinstock. New York: Alfred A. Knopf, 1971.
- Einstein, Alfred. *Mozart, His Character, His Work.* New York, 1962
- Landon, H. C. Robbins. *Mozart and the Masons: New Light on the Lodge Crowned Hope.* New York: Thames and Hudson, 1983.
- Landon, H. C. Robbins, M. C. Landon. *1791: Mozart's Last Year.* New York: Thames and Hudson, 1999.
- Nettl, Paul. *Mozart and Masonry.* New York: Dorset Press, 1957.

FIM